

EDUCAR PELA PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES

EDUCATING THROUGH RESEARCH IN BASIC EDUCATION: LIMITATIONS AND POSSIBILITIES

Cristiane Regina Dourado Vasconcelos ¹
Carine de Miranda Santos ²
Jomária Alessandra Queiroz de Cerqueira Araujo ³

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida em parceria com o Núcleo de Gestão Educacional e Formação de Gestores - Nugef, cujo objetivo foi investigar as limitações e possibilidades da prática da pesquisa no ensino desenvolvido na Educação Básica, assim como explorar o potencial da internet como fonte de pesquisa. A prática em questão fundamenta-se na perspectiva de que, desde as séries iniciais, os trabalhos escolares devem ser desenvolvidos com rigor e ética por educadores e educandos. A metodologia de pesquisa caracteriza-se como de natureza exploratória, de abordagem qualitativa, apoiada na revisão de literatura e na pesquisa de campo, com aplicação de questionários a professores. A coleta de dados e análise de conteúdos possibilitou verificar que a prática da pesquisa está presente na práxis dos docentes da Educação Básica, bem como a recorrência do uso da internet como recurso pedagógico, por professores e alunos.

Palavras-chave: Educação Básica. Educar pela Pesquisa. Internet. Trabalhos Escolares.

Abstract: This article presents the results of research developed in partnership with the Core for Educational Management and Training of Managers - Nugef, whose objective was to investigate the limitations and possibilities of the practice of research in teaching developed in Education Basic, as well as exploring the potential of the internet as a source of research. The practice is based on the perspective that, from the early grades, schoolwork must be developed with rigor and ethics by educators and students. The research methodology is characterized as exploratory in nature, with a qualitative approach, supported by literature review and field research, with the application of questionnaires to teachers. Data collection and content analysis made it possible to verify that the practice of research is present in the praxis of Basic Education teachers, as well as the recurrence of the use of the internet as a pedagogical resource, by teachers and students.

Keywords: Basic Education. Educate Through Research. Internet. Schoolwork.

- ¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestra em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e graduada em Pedagogia pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). É professora na rede municipal de ensino de Salvador/BA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1865596660614108>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4258-7375>. E-mail: dourado.cris@gmail.com
- ² Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestra em Família na sociedade contemporânea pela UCSAL, graduada em Pedagogia pela Uneb e em Ciências Sociais pela Ufba. É professora na rede estadual de ensino do Estado da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2647243858481976>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8506-9298>. E-mail: carine.mir123@gmail.com
- ³ Doutoranda em Educação e Contemporaneidade pela Uneb, Mestra em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação pela Uneb e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É professora na rede municipal de ensino de Salvador/BA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7687992059790709>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8046-3018>. E-mail: akeiroz@gmail.com

Introdução

O mundo contemporâneo tem sido fortemente marcado pela acelerada e irreversível evolução tecnológica, que oferta novas formas de comunicação, interação e mediação nos processos de ensino e aprendizagem. As contribuições desta oferta sobre a educação são evidentes na disponibilidade de novos dispositivos e de conectividades de alto padrão, entre outras tantas possibilidades inovadoras criadas a partir da década de 1960, com a criação da Rede Mundial de Computadores (1969) (VASCONCELOS; ARAUJO, 2020).

De acordo com as referidas autoras, a ampliação da velocidade de conexão e da capacidade depositária (a partir da década de 1990, no Brasil) contribuíram para a reformatação das relações humanas nos vieses: comunicacionais, profissionais, de construção do conhecimento e de formas de manifestação, suscitando a ideia de relativização do tempo e do espaço, difundindo e popularizando o conhecimento e promovendo a ampliação dos mecanismos de participação no processo educativo.

Nestes termos, as pesquisas escolares, mais popularmente conhecidas como "trabalhos escolares", foram alteradas seguindo um padrão tecnológico digital sobre o qual os livros físicos e as bibliotecas não se apresentam tão atraentes para a maioria dos estudantes que buscam o conhecimento em variadas fontes e formatos disponíveis na internet, a exemplo de vídeos, artigos, livros digitalizados, imagens, exposições virtuais, etc.

Esta mudança de padrão, contudo, segue de forma gradativa nas diferentes realidades da educação pública e privada, marcadas pelas distintas (in)consistências financeiras, culturais e sociais. Ela tangencia: a desigualdade social que distancia a realidade de alunos pobres das escolas públicas e privadas de pequeno porte daqueles que estudam em escolas privadas de médio e grande porte; as condições formativas e de trabalho dos professores e demais profissionais da educação nas duas redes (pública e privada); as condições estruturais de acesso aos equipamentos tecnológicos digitais; e a (in)experiência, por parte dos estudantes e docentes, para utilizar tais equipamentos dentro de um processo que envolva etapas de organização, reflexão, questionamento, capacidade de síntese e de produção de conhecimentos, tão necessárias à dinâmica da pesquisa.

Estes processos requerem a reformulação da educação dentro de um elo indissociável entre teoria e prática, no qual são superados os modelos de exposição e instrução, pautados no mero repasse de conteúdo, insuficiente para atender as necessidades do mundo contemporâneo (FREIBERGER; BERBEL, 2010).

Desta forma, pensar no binário teoria-prática educativa no mundo contemporâneo e, especialmente, nas redes públicas de ensino, é estar atento às linguagens e meios informacionais presentes na internet e na intranet, superando as restritas práticas tradicionais, operadas através de aulas em ambientes presenciais e atividades de pesquisas pouco significativas. É realizar a formação continuada de docentes e equipar as escolas com recursos e estruturas capazes de mobilizar os docentes a criarem novas formas de acesso e realização de pesquisas mais consistentes com os estudantes. Este caminho pode contribuir para a superação da comum estratégia de 'copiar e colar' conteúdos da internet.

Diante disso, um dos maiores desafios contemporâneos da educação é a adequação às novas linguagens e habilidades requeridas pelo mundo globalizado e a reformulação de modelos de pesquisa e de ensino que estimulem a criatividade, os processos investigativos e as questões éticas. Outro desafio é utilizar a espontânea e recorrente habilidade dos estudantes de dominar facilmente as linguagens das redes sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp, entre outras) como recurso pedagógico.

A partir dessas reflexões, desenvolvemos uma pesquisa cujos objetivos encontram-se em duas vertentes: das limitações e possibilidades da prática da pesquisa no ensino desenvolvido na Educação Básica e a exploração do potencial da internet como fonte e meio da pesquisa na prática de ensino através da pesquisa. Desta maneira, a pesquisa buscou conhecer a percepção de professores que atuam na Educação Básica acerca destas vertentes.

Educar pela pesquisa: algumas considerações

A atividade de pesquisa está presente em todos os níveis educacionais e pode contribuir para que estudantes e docentes reformulem os fatos cotidianos e a resolução de problemas práticos, através de estratégias éticas e lógicas de pesquisa.

Neste contexto, a adesão de práticas pedagógicas inovadoras representa um meio de estimular o aprendizado dos estudantes, através de projetos bem delineados e com critérios bem definidos, e de proporcionar aos aprendizes o desenvolvimento da criticidade, além de propiciar a aquisição de novos conhecimentos.

É notório que, com o passar do tempo, essa prática da pesquisa escolar sofreu alterações. Por conta dos novos acessos à informação, a tarefa de realizar pesquisas escolares requer a revisão de novos critérios, pois a atividade mecânica de copiar e colar conteúdos da internet não contribui para o processo de ensino e aprendizagem autônomo, reflexivo e crítico que a escola contemporânea almeja construir. Neste sentido, Bagno (2007) defende que o ato de pesquisar exige uma complexidade de tarefas, significa procurar, buscar com cuidado, procurar em toda parte, informar-se, inquirir, perguntar, indagar bem, aprofundar na busca. Assim, pesquisar é uma atividade trabalhosa e cabe à escola mediar esse processo de aprendizagem.

Como a internet é um ambiente de múltiplas mídias, linguagens e recursos que, se bem utilizados, podem contribuir e muito nos processos de pesquisas dos estudantes, ela constitui-se como um ciberespaço, repleto de informações, hipertextos, relatos de experiências, resultados de pesquisa, sobre os quais, pode-se omitir a fonte e distorcer resultados. Nesta perspectiva, estudantes acostumados com a rapidez das informações que são disponibilizadas pela internet, podem estar desinformados acerca dos critérios éticos para o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa. Por conta disso, surge mais uma demanda para a escola: promover projetos efetivos de orientações de ensino através da pesquisa, de maneira que os professores apresentem claramente: os objetivos da pesquisa; critérios éticos; fontes de informação.

Nesta mesma ótica, Pedro Demo (2005) defende que fazer pesquisa requer o cumprimento de muitas etapas, talvez as principais delas estejam relacionadas ao objetivo da pesquisa e os cuidados com as fontes de informação, a fim de fazer com que os estudantes saibam que, para toda criação intelectual existe um amparo legal e sua violação é motivo de indenização por danos morais, como é o caso do plágio.

O plágio é um problema muito frequente entre estudantes de todos os níveis e idades e a internet, como uma rede que potencializa o acesso a novos conhecimentos, tem facilitado essa prática, que pode prejudicar estudantes no processo de aprendizagem da temática estudada, bem como no desenvolvimento da capacidade de compreensão, escrita e conduta ética que deve acompanhá-los durante toda a sua formação. Desta maneira, a escola deve proporcionar aos estudantes de várias faixas etárias, o acompanhamento e orientações específicas para a realização de pesquisas. Neste processo, docentes precisam auxiliar seus alunos de acordo com o nível escolar em que se encontram, lançando mão e avaliando inúmeras fontes de pesquisa, como por exemplo: blogs e fóruns, que são espaços de emissão de opinião pessoal dos seus responsáveis; ou sites de instituições, empresas, governos e institutos de pesquisas que se responsabilizem pelas informações que são veiculadas. Neste sentido, cabe ao professor preparar um plano de estudo em que os estudantes possam, pouco a pouco, aumentar o nível de complexidade das práticas investigativas. Só assim, crianças e jovens poderão alcançar níveis seguros de fidelidade com a fonte da pesquisa.

A pesquisa deve ser uma atitude cotidiana de alunos e professores. A realidade deve ser vista com um olhar questionador de indivíduos que não se contentam com ideias prontas e acessadas sem criticidade. Para isso, a formação docente é fator condicionante para esta conquista (DEMO, 2005). Bagno (2007) assevera que ainda existe uma grande carência na formação dos professores no que se refere à prática de pesquisa. Ele demonstra essa ausência ao retratar a forma como, muitas vezes, as pesquisas são solicitadas por alguns professores da Educação Básica, que simplesmente escrevem no quadro: Trabalho de pesquisa, tema X, entrega até dia X, e nada mais.

Um dos motivos para esse comportamento pode estar associado à falta de prática de pesquisa na formação inicial e da insuficiência da formação continuada para esta temática. Esta fragilidade

pode reverberar sobre a prática das pesquisas discentes. Os cursos de formação de professores seriam, assim, uma alternativa para garantir a atualização das regras, normas e exigências para a realização de um trabalho científico.

Outra condicionante da realização de pesquisas criteriosas é a realização de um planejamento pedagógico adequado de acordo às novas linguagens contemporâneas e, principalmente, com a internet, que é, atualmente, o recurso mais significativo na aquisição de informação e conhecimento e a fonte considerada mais estimulante e contextualizada para os estudantes. Neste contexto, as tecnologias digitais da informação e comunicação criam, na educação contemporânea, novos paradigmas e conceitos de aprendizagem no processo educativo e possibilitam a oportunidade de se produzir conhecimento por novas vias. Neste sentido, os currículos escolares precisam estar conectados com outras redes comunicativas para além da escola, contemplando aspectos sociais, culturais e tecnológicos na construção do conhecimento.

Potencialidades da internet

Na contemporaneidade temos vivenciado mudanças aceleradas que ampliam as visões de mundo e, conseqüentemente, o acesso às informações tem sido expandido e as formas de aprendizagem, modificadas. Boa parte dos educandos contemporâneos crescem rodeados por tecnologias, mantendo-se permanentemente em contato com o mundo e tendo acesso a todo tipo de informação, transitando na era da cultura digital. Já as escolas, como defendem alguns estudiosos, a exemplo de Couto, Ferraz e Pinto (2017), têm operado, ainda, na era analógica.

Indo por esse viés, Ferreira e Mattos (2015) asseveram que a vivência juvenil no cotidiano escolar, sobretudo nas escolas públicas, tem sido marcada por tensões que podem ser fruto de um 'desencaixe' ou de um 'mal-estar'. Os autores defendem que, um ponto de partida para a superação do referido mal-estar seria a compreensão dos novos modos de ser, pensar e agir dos jovens contemporâneos com novas necessidades, capacidades e formas de cognição e subjetivação, uma vez que o modelo ainda predominante na escola é insuficiente para dialogar com esses sujeitos e suas especificidades.

Diante desse cenário, faz-se necessário que os professores reflitam sobre de que forma eles podem favorecer a aprendizagem dos estudantes e orientá-los sobre as melhores formas de acessar as informações presentes nos diversos recursos on-line.

Segundo Castells (2003), a internet não é apenas uma ferramenta de comunicação que busca a transmissão da informação, mas um novo espaço global para o aprendizado e a ação educacional. A internet muda a relação que tínhamos com o conhecimento onde os espaços de aprendizagem deixam de ser restritos aos ambientes físicos das instituições escolares. A aprendizagem ocorre em diferentes lugares, tempos, e, inclusive, na interação com pessoas fora do ambiente escolar.

Serres (2013) reflete sobre essas questões afirmando que, no passado, o espaço escolar era dominado exclusivamente pelo professor, que transmitia e definia qual o conteúdo que o estudante deveria acessar, sem muito questionamento. Atualmente, através de todas as mídias digitais, são os estudantes que parecem ter o domínio das ferramentas e têm acesso a um mundo de conhecimento que o professor muitas vezes não domina. A escola continua sendo um espaço físico que, muitas vezes, não acompanha as novas linguagens e vivências oferecidas pelos mundos virtuais e termina por limitar o prazer e o desejo dos estudantes em participar das atividades propostas.

A possibilidade de acesso às informações exige de professores e alunos novos olhares e experiências. O estudante, apoiado pelo professor, através de orientações de pesquisas e de como buscar por conhecimento na internet, só tende a potencializar a própria aprendizagem. Os ambientes educativos físicos são tomados cada vez mais pelos conteúdos on-line, de forma que, se o professor não tomar a frente dessa mediação, o conteúdo será acessado indiscriminadamente pelos estudantes, provocando uma dinâmica diferente dentro da sala de aula, distanciando os alunos da proposta de aprendizagem.

Kenski (2012) define a internet como um fenômeno tecnológico que possibilita a comunicação entre pessoas para os mais diferenciados fins: trocar informações e experiências; aprender juntos; desenvolver pesquisas e projetos; conversar; entre tantas outras atividades. Acrescenta, ainda, que a internet permite-nos viver novas vidas que podem ser partilhadas em pequenos grupos ou

comunidades virtuais.

O contexto educativo on-line, mesmo que os docentes resistam em agregá-lo à sala de aula, é uma realidade acessível para muitos estudantes. Sendo assim, a instituição escolar precisa expandir o processo dialógico com seus alunos para que, juntos, possam encontrar os melhores recursos nos processos de ensinar e aprender. Segundo Pierre Lévy (2010), as tecnologias possibilitam que exista uma sociedade planetária, que se comunica a todo instante e em qualquer lugar. Isto diminui as barreiras impostas pelos espaços e territórios. É essa barreira física que a escola ainda precisa romper. A educação escolar não pode mais se restringir à sala de aula e ao professor. Serres (2013) assevera que a escola ainda insiste em conservar os modelos físicos e didáticos de dezenas de anos atrás e termina por retardar o avanço necessário de uma educação voltada para o modelo digital. Segundo ele, ainda pensamos em ensinar jovens através de estruturas escolares que não representam as linguagens contemporâneas.

A sociedade contemporânea vem enfrentando grandes desafios no campo da educação, gerando transformações cotidianas que requerem adaptação e, por que não dizer, aceitação, por parte dos profissionais da área e também dos estudantes. Isso ficou em evidência no período de isolamento social, causado pela pandemia da Covid-19, em que as rotinas escolares, pelo menos das escolas particulares, passaram a ser desenvolvidas com a utilização equipamentos tecnológicos, conectados em redes e dependentes de uma grande quantidade de dispositivos eletrônicos.

Castells (2003) apresenta um conceito de redes bastante amplo, defendendo que elas são estruturas abertas, capazes de expandir de forma ilimitada, com uma grande capacidade de integração e comunicação. O autor também defende que, na atualidade, a integração de diferentes formas de comunicação, em uma rede interativa, vem causando transformações sociais semelhantes ao advento do alfabeto em 700 A.C.

Nesta perspectiva, os educadores precisam compreender que os dispositivos móveis contribuem para as subjetividades de grande parte das crianças, adolescentes, jovens e, até mesmo, adultos contemporâneos. As tecnologias digitais, quando bem utilizadas pedagogicamente, ampliam as capacidades reflexivas dos sujeitos. Utilizar o ambiente virtual para a prática científica não é fácil, por isso requer que professores e alunos estejam abertos a um espírito investigativo.

O protagonismo dos professores nesse movimento é fundamental, visto que as tecnologias digitais, por si só, não promovem avanços significativos nos processos educacionais. A utilização destas tecnologias no desenvolvimento de projetos e práticas de formação, a partir da mediação de professores dispostos e capazes de incorporar a dinâmica cibercultural à sala de aula é que pode favorecer esses avanços (FERREIRA; MATTOS, 2015)

A partir desse cenário o professor deve provocar situações de inquietação criadora e colaborativa entre os estudantes. As reflexões sobre a realidade da sala de aula é um ponto fundamental para a prática docente. A interação entre professores, alunos e conteúdos acontece em um processo dinâmico que leva em consideração todo o contexto sociocultural, relacionamentos, vivências e experiências construídas socialmente. Toda essa interação pode contribuir, por exemplo, para minimizar problemas como a indisciplina e o desinteresse em sala de aula, visto que os estudantes se sentem atraídos e motivados pelos recursos utilizados.

Metodologia

Para o desenvolvimento do estudo utilizamos a pesquisa de natureza exploratória, com abordagem qualitativa que, de acordo com Yin (2016), envolve: estudar o significado da vida das pessoas a partir das condições em que realmente vivem; apresentar informações sobre as ações e atitudes dos participantes, quer sejam identificadas por nome ou pseudônimos; relatar suas percepções, aspirações, crenças ou comportamentos.

Utilizamos o Google Formulários para gerar o questionário, o qual passou por um processo de validação com a aplicação teste com dois participantes. O objetivo desse procedimento foi analisarmos a estrutura e conteúdos das questões. Somente após a validação o questionário foi disponibilizado aos professores, via WhatsApp, durante o mês de novembro de 2021. No corpo do questionário constava: objetivo da pesquisa; público; garantia de anonimato (nesse estudo os participantes foram identificados por nomes de pedras preciosas); seguido de 11 questões

fechadas e 07 abertas. Estas versaram sobre o perfil dos professores, formação acadêmica, tempo de atuação em sala de aula e rede de ensino na qual atuam, além de questões direcionadas para identificarmos a percepção dos participantes sobre as limitações e possibilidades com o ensino através da pesquisa na Educação Básica.

A pesquisa foi ancorada pela revisão de literatura e concretizada com a aplicação dos questionários e análise de conteúdo que, de acordo com Minayo (2010), se configura como um leque de informações sobre a vivência dos participantes e possibilita a verificação de hipóteses e/ou questões. Nesse estudo a nossa hipótese é que o ensino pela pesquisa pode favorecer a aprendizagem dos alunos. De acordo com Lakatos e Marconi (2010), o questionário é um instrumento de coleta de dados, construído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por um determinado público. Dessa forma, participaram da pesquisa 43 professores da Educação Básica, atuantes em escolas particulares e públicas do município de Salvador/BA.

Perfil dos participantes

Com referência ao sexo, tivemos uma representatividade eminentemente feminina, pois 41 participantes são do sexo feminino e apenas 02 do sexo masculino.

Quanto à faixa etária, a maioria dos professores (84%) está na faixa etária acima dos 40 anos, pois 30% dos participantes têm mais de 51 anos, 26% está na faixa etária entre 46 a 50 anos de idade e 28% entre 41 a 45 anos. Verificamos que 06 professores estão na faixa etária entre 36 a 40 anos e apenas 01 professora tem entre 31 a 35 anos.

Quanto à experiência em sala de aula, os dados mostram que os participantes têm vasta experiência na docência, pois 37 professores têm mais de 11 anos de atuação em sala de aula e 06 deles têm entre 6 a 10 anos de experiência. Com referência a rede de ensino que atuam, 35 são professores na rede pública de ensino, apenas 02 atuam apenas na rede privada e 06 são professores em ambas as redes.

Com referência ao nível de ensino em que atuam: 12 professores atuam no Ensino Fundamental II; 06 na Educação Infantil; 05 no Ensino Médio; e 02 professores atuam no Ensino Fundamental I.

Com relação à formação inicial existe uma predominância de pedagogos (60% dos participantes). Os demais têm formação em outras licenciaturas, conforme representado na Tabela 1.

Tabela 1. Formação inicial dos participantes da pesquisa

Licenciatura	Nº de participantes
Pedagogia	26
História	05
Letras Vernáculas	03
Ciências Sociais	02
Matemática	02
Educação Física	01
Geografia	01
Letras com Inglês	01
Música	01
Normal Superior	01

Fonte: Elaborada pelas autoras (2022).

Ainda sobre a formação, com referência à maior titulação, o estudo permitiu observar que: 34 professores têm especialização; 07 têm mestrado; e 02 têm doutorado. Também observamos que 01 professora realizou estágio de pós-doutoramento.

O ensino pela pesquisa na Educação Básica

Por se tratar de um estudo, cujos objetivos estão direcionados à prática de ensino envolvendo a pesquisa, investigamos se os participantes utilizam a pesquisa como recurso pedagógico. 42 participantes utilizam esse recurso e apenas 01 professora não utiliza. Importante registrar que esta participante é professora de Língua Portuguesa e atua no Ensino Fundamental II, em escola pública. Registramos também que, apesar da professora não trabalhar com a pesquisa em sala de aula, ela afirma que “as pesquisas ampliam o horizonte de conhecimentos de quem realiza, possibilitando um processo de aprendizagem mais produtivo” (Turquesa).

Uma das perguntas formuladas se destinou a investigar se, na opinião dos professores, a prática da pesquisa na Educação Básica, popularmente conhecida como trabalhos escolares, contribui para o processo de aprendizagem dos estudantes. Foi unânime o posicionamento dos professores, que afirmaram que essa prática contribui sim com o aprendizado dos alunos.

Justificando essa afirmação, alguns professores apontam, aquilo que nesse estudo chamamos de possibilidades, e que podem ser visualizadas na Figura 1.

Figura 1. Possibilidades com a prática do ensino pela pesquisa.



Fonte: Elaborada pelas autoras, tendo como recurso o WordArt (2022).

A análise das respostas permite-nos inferir que esta prática oferece possibilidades como: gerar novos conhecimentos (18); desenvolver a autonomia (05); aguça a curiosidade (05); desenvolver o senso crítico (04); desenvolver habilidades como selecionar, organizar e interpretar (03); incentivar a leitura (03); desenvolver a capacidade de compreensão (03); desenvolver o poder de argumentação (02); estimular o interesse do aluno (02); e desenvolver a capacidade de síntese.

Ainda foi possível selecionar outras justificativas muito interessantes, as quais registramos a seguir:

[...] a Educação é dinâmica e devemos utilizar de ferramentas diversificadas de aprendizagens. Pesquisas orientadas em quaisquer meios seguros de informação são muito úteis para o processo, principalmente nesse contexto de pandemia (Jocasta).

[...] o estudante precisa ir além do que é dado em sala de aula (Pérola).

[...] as pesquisas ampliam o horizonte de conhecimentos de quem realiza, possibilitando um processo de aprendizagem mais produtivo (Ametista).

[...] se orientada de forma que a pesquisa possa ser realizada com base em critérios bem delineados, definidos ao que se pretende buscar, acredito que gere aprendizagens interessantes e diferenciadas, principalmente quanto aos procedimentos para se chegar aos conceitos sobre o tema a ser pesquisado (Esmeralda).

[...] desde que seja bem orientada, com regras claras e

análise e compreensão do modelo de pesquisa a ser seguido, os alunos aprenderão não somente conceitos, mas se apropriarão de conhecimentos credíveis e válidos. Assim como também aprenderão a buscar e validar fontes credíveis de conhecimento (Rubi).

A análise dessas narrativas corrobora com as possíveis contribuições da prática da pesquisa na Educação Básica e, também, sobre a necessidade de definição prévia de critérios para a elaboração dos estudos.

Sobre a utilização da internet como recurso de busca, 42 professores se manifestaram favoráveis, sendo que desses, 22 professores enfatizam que são, desde que a pesquisa seja bem orientada. Já a professora Safira ponderou que depende, pois essa ferramenta é muito atrativa para os alunos por reunir elementos que estimulam o seu uso (som, imagens dinâmicas, interatividade, atualizações), mas tem o potencial de causar distração, pelos mesmos motivos. Pondera, também, sobre o perigo de acesso à informações distorcidas, equivocadas e falsas, por isso defende que deve ser utilizada com orientação mais criteriosa do professor.

Corroborando com esta ponderação de Safira, Jade e outras professoras participantes asseveram que:

[...] a internet democratizou o acesso ao conhecimento e à informação. E neste contexto, é possível encontrar fatos e notícias falsas e, sendo assim, é papel do professor, entendendo a escola como um espaço de aprendizagem formal e controlada, orientar e apoiar as aprendizagens dos seus alunos. Por isso, toda pesquisa por busca de informações e conhecimentos deve ser orientada a partir de critérios de buscas e validação para que alcance o seu propósito de aprendizagem. Desta forma, a internet é um ambiente favorável para a realização de pesquisas escolares (Jade).

[...] para mim é a grande biblioteca mundial! Um local onde estão reunidas múltiplas informações e estas apresentam-se mais atualizadas, contudo, é preciso verificar e orientar o estudante quanto às referências/fontes de suas buscas (Topázio).

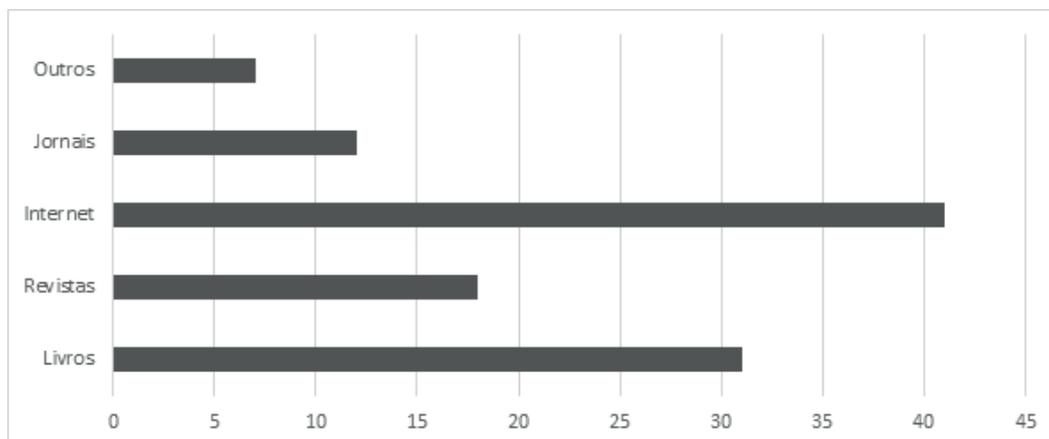
[...] na internet encontramos de tudo. Basta direcionarmos os alunos para sites confiáveis, dependendo do assunto da pesquisa. No caso da Educação Física, uma pesquisa sobre algum esporte, por exemplo, pode ser realizada nos sites das confederações do esporte (Zircônia).

O professor Diamante defende que a internet nos dá acesso a uma amplitude de informações e que, se hoje o uso da tecnologia está cada vez mais atrelado à vida do homem moderno, na escola não pode ser diferente.

A análise dessas narrativas e respostas permite-nos afirmar que os docentes entrevistados têm utilizado a pesquisa escolar como estratégia de aprendizagem em suas aulas e que, de modo geral, acreditam que a internet é, sim, um ambiente que faz parte da realidade dos estudantes, propiciando a comunicação e difusão de um vasto conhecimento, contudo os alunos precisam de orientação e supervisão.

Sobre os recursos mais utilizados pelos alunos, como fonte de pesquisa, o Gráfico 1 apresenta os dados coletados nos questionários.

Gráfico 1. Recursos mais utilizados pelos alunos, como fonte de pesquisa.

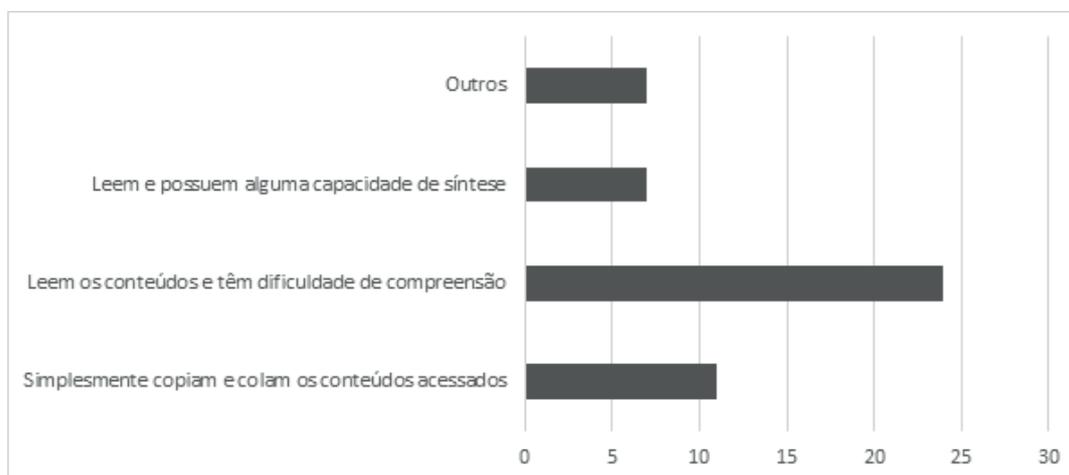


Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

De acordo com a vivência e observação dos professores, na prática de pesquisa, o recurso mais utilizado pelos alunos, como fonte de pesquisa, tem sido a internet. Esse dado pode corroborar com as potencialidades que esse recurso apresenta para a educação.

Para compreender o comportamento dos estudantes, na prática da pesquisa, solicitamos aos participantes que apontassem, também, de acordo com suas vivências e observações, como os alunos se comportam. O Gráfico 2 apresenta os dados coletados.

Gráfico 2. Comportamento dos estudantes com a prática da pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Analisando os dados do gráfico verificamos que 60% dos professores sinalizam que os alunos leem o conteúdo e têm dificuldade de compreensão, 26% percebem que os estudantes simplesmente copiam e colam os conteúdos acessados e 16% dos participantes da pesquisa afirmam que seus alunos possuem alguma capacidade de síntese.

Os dados ainda nos possibilitaram verificar que 07 professores manifestaram outras observações, conforme registramos a seguir:

- [...] eles leem, copiam, mas não fazem inferências (Topázio).
- [...] alguns estudantes copiam o conteúdo, outros fazem a síntese porque aprenderam na escola e com a família a desenvolver esta capacidade (Rubi).
- [...] meus alunos ainda não leem, então a pesquisa permite experienciar novas aprendizagens através de imagens, vídeos, etc. (Brilhante).

(06), escrita (06) e, até mesmo, de compreensão (05).

Outras limitações foram destacadas com menor incidência, por alguns professores, mas nem por isso menos importantes, merecendo destaque, como por exemplo: dificuldade de alguns alunos e professores com o uso das tecnologias (03); falta de apoio e acompanhamento das famílias (03); falta de orientação por parte dos professores (03).

Ainda verificamos registros pontuais, mas relevantes, que apresentamos a seguir:

[...] falta de metodologias apropriadas para exploração da estratégia de aprendizagem (Olho de tigre).

[...] o acesso precário nas escolas públicas (Rubi).

[...] acredito que falta acompanhamento mais detalhado sobre o que estão pesquisando. Tanto por parte da família, como do professor. Como não temos uma disciplina que prepare o aluno para esse tipo de tarefa, o professor não consegue dar conta disso particularmente (Pérola).

[...] a falta de conhecimento, importância e compreensão do estudante sobre o objetivo da pesquisa como forma de enriquecimento curricular; as carências da formação do professor enquanto pesquisador e docente; a falta de formação continuada no campo da pesquisa dentro da escola, pois esta é quem deve fomentar no estudante o interesse em aprender pela pesquisa e tornar-se um contínuo aprendiz (Citrino).

Sobre esses registros, podemos considerar alguns pontos:

i. Os autores Modelski, Giraffa e Casartelli (2019) defendem que o investimento em cursos de treinamento para professores, sobre o uso de determinada tecnologia não é suficiente. Mais que isso, é necessário investir, também, em formação para o uso didático dos recursos tecnológicos.

ii. Santos (2015) assevera que o professor precisa ser capaz de potencializar seu ofício, de forma que conquiste a apropriação e empoderamento da inclusão digital a qual pode potencializar sua prática docente através da interatividade, conectividade, colaboração, dentre outras possibilidades, atendendo às necessidades dos estudantes.

iii. No Brasil, é histórica a desigualdade de condições e de qualidade na educação. Bruzzi (2016) chama a atenção para o fato de que a tecnologia já vem fazendo parte dos processos educativos desde os anos de 1950 e, ainda assim, esta é uma realidade distante para os estudantes das escolas públicas brasileiras.

iv. Para Piccoli e Moraes (2006), a autonomia e a responsabilidade de um profissional dependem de uma grande capacidade de refletir em, e sobre, sua ação. Essa capacidade está no âmago do desenvolvimento permanente, em função da experiência de competências e de saberes.

Possibilidades na prática da pesquisa com o uso da internet

Para identificar as potencialidades na prática da pesquisa com o uso da internet, direcionamos uma das perguntas do questionário para este objetivo. A Figura 3 apresenta as possibilidades sinalizadas pelos professores.

Figura 3. Possibilidades na prática da pesquisa com o uso da internet



Fonte: Elaborada pelas autoras, tendo como recurso o WordArt (2022).

Ao visualizarmos a Figura 3 podemos perceber que a maioria dos professores acreditam que o potencial da internet na pesquisa escolar está associado à: rapidez de acesso aos conteúdos (38); variada fonte de conhecimentos (35); fontes atualizadas (28); conteúdos diferenciados que atendem a diferentes faixas etárias (15); interatividade (12); possibilidade de compartilhamento (05).

Consideramos alguns relatos interessantes, pois suscitam relevantes discussões:

[...] vejo a questão como política de governo, ou seja, inserção das camadas menos favorecidas ao mundo digital e para isso ocorrer é necessário distribuição melhor da renda para aquisição de notebook, ou um celular de qualidade. E levar a internet aos alunos (Rubi).

[...] melhora a gestão da aprendizagem (Ametista).

[...] diante da atual situação de pandemia, a internet tem um papel de grande importância, possibilitando a interação entre educadores e educandos, bem como contribuindo com as informações precisas e atualizadas (Pérola).

[...] a internet oferece uma infinidade de possibilidades e em linguagens diferentes (Safira).

[...] muitas, desde uma simples coleta de dados e informações comparativas até um levantamento e análise mais aprofundada. O nível conceitual de quem pesquisa desde as etapas iniciais de escolarização é potencial para outras aprendizagens (Ágatha).

[...] possibilita desenvolver uma aprendizagem acessível, rápida e baseada na autonomia e gerência nos estudos e horários, além de abranger uma quantidade maior de consultas bibliográficas (Citrino).

Orientações para o desenvolvimento de pesquisas, com a utilização da internet

Finalmente, buscamos identificar, na abordagem dos professores, quais orientações seriam pertinentes para conduzir os estudantes no desenvolvimento de pesquisas, com a utilização da internet. A Tabela 2 apresenta os dados coletados.

Tabela 2. Orientações para o desenvolvimento de pesquisas

Orientações	Nº de participantes
Informar a fonte	41
Pesquisar em fontes confiáveis	41
Escrever resumos, resenhas, opiniões e sínteses	16
Ler o conteúdo atentamente	15
Se posicionar	14
Pesquisar em mais de um site	13
Confrontar as informações	11

Fonte: Elaborada pelas autoras (2022).

Podemos inferir que 02 orientações são relevantes para 95% dos professores participantes da pesquisa: a identificação da fonte da pesquisa, evitando o plágio, e a busca por fontes confiáveis. Essas orientações vão ao encontro dos critérios éticos e de validação das pesquisas.

Outro dado importante foi que 55% dos professores afirmaram que usualmente apresentam aos alunos um roteiro de pesquisa com orientações que podem conter: objetivos (25); o por que e para que da pesquisa (18); critérios de avaliação (14).

Todos esses dados nos levam a crer que existe, por parte da maioria dos professores, a preocupação em orientar seus alunos no trabalho com a pesquisa.

Considerações Finais

A análise dos dados, ancorada na revisão bibliográfica, permite-nos concluir que a pesquisa escolar está presente na práxis dos docentes da Educação Básica. Confirmamos a potencialidade presente nos trabalhos escolares, na construção de conhecimentos, ampliando a criatividade, a autonomia, o senso crítico, assim como, no desenvolvimento do hábito da leitura, contribuindo para uma melhor compreensão das temáticas propostas.

Embora o acesso à internet de qualidade não seja disponível para uma parcela dos estudantes das redes públicas, isso não representa um limitador no processo de pesquisa, pois os dados revelam que ela é o meio mais utilizado pelos estudantes, seguido de outros recursos, a exemplo dos livros, revistas, jornais, etc.

A internet amplia, significativamente, as possibilidades de acesso rápido às informações, expandindo o repertório de conhecimento e compartilhamento de vivências e experiências entre os estudantes. Outra questão positiva, segundo, Brochado e Hornink (2020), é que existe uma predominância de emoções positivas durante o uso de tecnologias digitais, favorecendo a motivação para a realização de atividades e projetos.

Diante da complexidade dessa tarefa, apesar de todo potencial da pesquisa como recurso pedagógico, fica evidente a necessidade de um diálogo mais sistemático entre docentes e alunos, no sentido de uma discussão mais ampla sobre os objetivos da pesquisa, critérios, regras e fontes confiáveis. Esse diálogo busca minimizar os problemas relacionados à baixa compreensão da temática por parte dos estudantes, assim como as estratégias mais adequadas na realização da pesquisa. Em se tratando de pesquisa através da internet, cuidados como buscas em sites confiáveis, reconhecimento de informações falsas e o uso de referências das fontes pesquisadas, contribui para a autenticidade do trabalho.

Podemos inferir que o ato de pesquisar na Educação Básica tem passado por adequações e que os professores estão envolvidos no processo de diminuição das limitações enfrentadas no dia a dia, buscando uma prática direcionada ao aproveitamento de todas as potencialidades presentes nos trabalhos escolares.

Trabalhar com pesquisa na sala de aula significa oferecer possibilidades diferenciadas aos estudantes, oportunizando, também, ao professor tornar-se reflexivo das suas próprias práticas pela necessidade constante de refletir sobre suas ações, PICCOLI e MORAES (2006).

Referências

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola o que é como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BROCHADO, Eliana Alice; HORNINK, Gabriel Gerber. Emoções experienciadas no processo de construção de narrativas digitais no Scratch. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 101, n. 259, p. 627-648, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/vCvx6qWNLZjBt3LVRNyVmcf/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BRUZZI, Demerval Guillarducci. Uso da Tecnologia na Educação, da História à Realidade Atual. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 27/1, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/42325>. Acesso em: 21 nov. 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COUTO, Edvaldo Souza; FERRAZ, Maria do Carmo Gomes; PINTO, Jucinara de Castro Almeida. Tecnologias digitais e a promoção da eficácia e da equidade no contexto escolar. **Textura**, Canoas, v. 19, n. 40, p. 173-188, maio/ago.2017. Disponibilidade em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2095>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- FERREIRA, Helenice Mirabelli Casino; MATTOS, Rafael Arosa de. Jovens e celulares: implicações para a educação na era da conexão móvel. In: PORTO, Cristiane Porto; SANTOS, Edméa; OSWALD, Maria Luíza; COUTO, Edvaldo. **Pesquisa e mobilidade na cibercultura: intolerâncias docentes**. Salvador: Edufba, 2015.
- FREIBERGER, Regiane Müller; BERBEL, Neusi Aparecida Navas. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental. **Cadernos de Educação**, Pelotas [37]: 207 - 245, set/dez 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1587>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 24, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010
- MODELSKI, Daiane; GIRAFFA, Lúcia Maria Martins; CASARTELLI, Alam de Oliveira. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, e180201, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/qGwHqPyjqbw5JxvSCnkVrNC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- PICCOLI, Sonia Maria; MORAES, Roque. Ensinar e aprender pela pesquisa: um desafio para uma formação continuada de professores. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v.7, n.8, 2006. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/284>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PLÁGIO. **Wikipédia**: a Enciclopédia Livre. Disponibilidade em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%A1gio>. Acesso em: 05 nov. 2021.

SANTOS, Edméa. A mobilidade cibercultural: cotidianos na interface educação e comunicação. Em *Aberto*, Brasília, v. 28, n. 94, 2015. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3059>. Acesso em; 10 out. 2021.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VASCONCELOS, Cristiane Regina Dourado; ARAÚJO, Jomária Alessandra Queiroz de Cerqueira . Educação em tempos de Pandemia: a prática do Ensino Remoto na percepção de professores. In: **XXV EPEN** - Encontro, 2020. GT 08 - Formação de Professores, 2020. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/6954-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre. Penso, 2016.

Recebido em: 10 de dezembro de 2021.

Aceito em: 20 de outubro de 2023.